

Uma experiência de estagio com estudantes do 6º ano do ensino fundamental: estagio x (in)disciplina

Resumo:

O presente texto tem como objetivo relatar as experiências vividas com situações de indisciplina em sala de aula, ocorrida durante o período em que fui estagiário em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, na Escola Municipal Almeida Sampaio, no turno matutino, no município de Amargosa – BA. Essa experiência se deu enquanto cursava o componente curricular Estágio Supervisionado II, no período de 11 de outubro a 12 de novembro de 2024. Neste relato, busco discutir as situações de indisciplina que ocorreram, os tipos de indisciplina observados, evidenciando como lidei com essas situações e de que maneira essas experiências contribuíram para a minha formação como futuro professor de Matemática. Por fim, destaco as potencialidades destas experiências frente à formação do professor de matemática.

Palavras-chaves: Indisciplina em Sala de Aula. Estágio Supervisionado. Ensino de Matemática. Formação de Professores.

Weliton Sacramento dos Reis

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Amargosa, BA – Brasil

<http://orcid.org/0000-0000-0000-0000>
js203996@gmail.com

Recebido • 04/04/2025
Aprovado • 05/06/2025
Publicado • 08/08/2025

Relato de Experiência

1 Introdução

Este relato tem como objetivo apresentar as experiências vivenciadas durante o período em que estive regendo aulas em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, na qual pude observar a dinâmica e fazer parte, ainda que temporariamente, do cotidiano de uma turma com demandas particulares no quesito (in)disciplina no ambiente da sala de aula de Matemática. A turma em questão era composta por estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais, no turno matutino, e possui cerca de 40 alunos, com idades variando entre 11 e 12 anos. Quando se fala em indisciplina em sala de aula, geralmente focamos apenas nas situações momentâneas, sem buscar compreender as causas subjacentes que geram tais atitudes. Contudo, é importante perceber que, para que um determinado momento de indisciplina se intensifique a ponto de colapsar, uma série de fatores prévios contribuem para isso. A indisciplina, portanto, não deve ser encarada isoladamente, mas sim como um reflexo de contextos mais amplos que impactam a vida do aluno, tanto dentro quanto fora da escola. Neste sentido, Tiba (2006, p. 128) alerta que “O ambiente também interfere na disciplina”.

O Estágio Supervisionado II é o componente curricular que proporciona o segundo contato com turmas da Educação Básica na condição de estagiário. Nesse estágio, são realizadas 6 horas de observação em sala de aula e 26 horas de regência. Durante esses dois momentos, temos a oportunidade de conhecer a turma, ministrar aulas, fornecer feedback sobre as atividades, propor práticas pedagógicas e trabalhar no aprimoramento de nossa didática e, para minha surpresa, a turma escolhida surpreendeu por preservar características marcantes de indisciplina, fato este que dificultava o trabalho docente, tanto do supervisor da escola quanto minhas aulas de regência. Antes de assumir a regência das aulas, observei as aulas ministradas pelo professor supervisor e já percebi, desde o início, que a turma apresentava sinais evidentes de indisciplina. Embora tenhamos feito acordos de boa convivência com a turma, muito enfatizados também pelo professor regente, nas primeiras aulas que ministrei, pude constatar que os alunos não demonstravam respeito pela minha presença enquanto condutor do processo de ensino e aprendizagem, o que refletia diretamente na dinâmica da sala de aula.

O cenário descrito é bastante revelador de uma atmosfera de apatia quanto ao papel do estagiário como professor da turma e, conseqüentemente, apatia com os conteúdos discutidos na sala. A conversa paralela às explanações, a falta de atenção e a constante inquietação tornavam o ambiente não favorável à prática docente com a Matemática. Esta configuração enseja no que Aquino (1996) destaca a seguir:

“A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático- pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teóricas pedagógicas”. (Aquino, 1996, pág. 40).

Segundo o autor acima a indisciplina não pode ser compreendida de maneira simples ou reduzida ao contexto didático-pedagógico, pois ultrapassa essas fronteiras e envolve aspectos imprevistos e até insuspeitos nas abordagens teóricas tradicionais. Em minha experiência durante o estágio, percebi de forma prática como a indisciplina pode se manifestar de formas inesperadas, afetando o andamento das aulas e exigindo do professor mais do que conhecimento técnico ou didático. Como Aquino aponta, o manejo da indisciplina não pode ser resolvido por uma fórmula teórica pronta, mas sim por uma constante adaptação e reflexão sobre o comportamento dos alunos e as dinâmicas da sala de aula. Esta consideração sinaliza para uma visão da indisciplina como plural e passível de tipificação.

Durante as aulas que ministrei, pude observar diversos comportamentos característicos de uma turma que apresentava resistência às regras de convivência, dificuldade de concentração, alto grau de desatenção e falta de comprometimento. Nesse contexto, foi possível identificar diferentes tipos de indisciplina que ocorrem com frequência no ambiente escolar. Alguns dos principais comportamentos indisciplinados que consegui distinguir foram:

- **Conversas paralelas:** Alunos engajados em diálogos que não se relacionam com o conteúdo da aula, prejudicando a concentração e o andamento das atividades.

- **Recusa em realizar as atividades propostas:** Em vários momentos, notei a resistência dos alunos em participar das tarefas designadas, o que compromete o desenvolvimento do processo de aprendizagem.
- **Barulho excessivo:** O som elevado gerado por conversas ou outros comportamentos disruptivos torna o ambiente desconfortável e dificulta a comunicação entre o professor e os alunos, além de interferir na concentração de todos os envolvidos.
- **Falta de respeito, tanto entre os próprios alunos quanto em relação ao professor:** A falta de educação e o desrespeito mútuo geram um clima de hostilidade que afeta negativamente o ambiente de aprendizagem, dificultando a interação construtiva.
- **Consumo de lanches em momentos inadequados:** Embora o ato de se alimentar em sala de aula não seja, em si, um problema, o consumo de lanches em momentos inadequados pode distrair os alunos e interferir na dinâmica da aula.
- **Deslocamento de seus devidos lugares:** A movimentação constante dos alunos dentro da sala de aula, sem permissão ou justificativa clara, gera desorganização e atrapalha o desenvolvimento da atividade proposta.

Não obstante às inúmeras tentativas do supervisor de manter um ambiente compatível com a aprendizagem da matemática e favorável à atuação do estagiário, essas situações permitiram desenvolvimento da autonomia para resolver “conflitos” pela adoção de dinâmicas que ajudaram a dispersar as ações de indisciplina, isto é, ações que fugiam do escopo da boa convivência, dos acordos pré-firmados, do respeito à figura do professor e do estagiário e, igualmente importante, ao turno de fala e de explicação do conteúdo.

Durante o período que estive regendo as aulas, corriji comportamentos inadequados de forma imediata e respeitosa, sempre evitando expor os alunos diante da turma. Busquei incentivar a reflexão sobre suas atitudes e compreender as causas por meio de conversas individuais. Mostrei interesse pelo cotidiano dos alunos, os chamei pelo nome, ouvi suas opiniões e os envolvi em decisões da aula, o que fortaleceu o vínculo e melhorou o comportamento. Também inseri momentos de conversa e atividades breves sobre respeito, empatia e convivência, contribuindo para o desenvolvimento socioemocional da turma e a redução da indisciplina.

As alternativas adotadas me possibilitaram o desenvolvimento de comportamentos mais responsáveis dos estudantes, reconhecendo minha posição como principal responsável pela aprendizagem dos estudantes em sala de aula. Com isso, compreendi que não poderia permitir que os momentos de indisciplina comprometessem o desempenho coletivo da turma, uma vez que o ambiente de aprendizagem deveria ser preservado para garantir o sucesso de todos.

O professor regente da turma, que estava constantemente presente nas aulas, teve um papel fundamental nesse processo de interpretação das situações críticas de indisciplina e, posterior, ação incisivamente sobre elas. Em diversas situações, ele me ofereceu conselhos sobre como lidar com a indisciplina e como agir de maneira mais eficaz frente a tais desafios. Em momentos críticos, quando ele percebia que alguns alunos estavam dispersando a atenção dos demais comprometendo o andamento das atividades, o professor regente ajudava no sentido de cobrar atenção dos alunos,

solicitar realização das tarefas e que se sentassem quando não houvesse necessidade de levantar. Graças ao seu profundo conhecimento da turma, ele sabia exatamente como lidar com as situações, buscando sempre reverter ou minimizar os efeitos negativos desses comportamentos.

É importante ressaltar que observar os métodos utilizados pelo professor regente para gerir a sala de aula foi de extrema relevância para minha formação como futuro professor de Matemática. Essas observações enriqueceram significativamente minha prática pedagógica, pois pude aprender com a experiência de um profissional já consolidado fazendo uso de estratégias de condução da aula e as implicações disto. Essa vivência passou a me inspirar e fazer parte do meu repertório, de modo que nas aulas seguintes fui conduzindo a turma com a mesma dinâmica de gestão, buscando inibir falas desnecessárias dos estudantes e apontando o caminho para uma comunicação eficaz da matemática. Além disto, passei a chamar pelo nome aqueles que mais se destacavam em meio à conversa, orientando-os a focar na tarefa no momento das explanações. Esta, além de ter sido uma experiência particularmente valiosa durante o período de estágio, proporcionou-me um aprendizado prático e eficaz, que, sem dúvida, contribui para o meu crescimento como educador. As lições adquiridas sobre a gestão da sala de aula e a promoção de um ambiente propício à aprendizagem foram determinantes para o desenvolvimento das minhas competências pedagógicas.

Ainda na experiência de estágio, percebi que um dos fatores frequentemente negligenciados, mas que contribuem para a indisciplina em sala de aula, está relacionado à transição entre os ciclos educacionais pelos quais os estudantes passam. Muitos alunos acabam de concluir o Ensino Fundamental I (anos iniciais) e iniciam o Ensino Fundamental II (anos finais), o que representa uma mudança significativa em suas vidas. Esse processo de transição pode ser particularmente desafiador, especialmente em cidades como Amargosa, localizada no interior da Bahia, onde a maioria dos alunos vem da zona rural. Esses estudantes, muitas vezes, estudavam em escolas menores, com uma infraestrutura limitada e um número reduzido de professores, o que proporcionava uma experiência educacional diferente da vivenciada nas escolas de maior porte.

Quando esses alunos fazem a transição para o Ensino Fundamental II, começam a estudar em escolas maiores, com uma carga maior de professores, disciplinas e responsabilidades. As escolas maiores, com uma estrutura mais complexa, exigem dos alunos uma maior autonomia, organização e adaptação. Além disso, a responsabilidade sobre seu próprio aprendizado se intensifica, o que pode gerar um certo grau de ansiedade e insegurança. No entanto, esse processo de adaptação é simultâneo ao início da adolescência, uma fase da vida marcada por intensas transformações físicas e emocionais. Durante esse período, os estudantes começam a vivenciar as primeiras mudanças da puberdade, o que tem um impacto significativo em seu comportamento e interação social. Sobre estas mudanças, os Parâmetros Curriculares Nacionais evidenciam que:

A entrada na juventude — adolescência — é marcada por transformações biológicas, psicológicas e das formas de inserção social. Essas transformações são experimentadas pelos adolescentes de maneiras muito distintas, de acordo com o contexto social e cultural em que vivem e também segundo o seu histórico de vida pessoal. (PCN, 1998, p.112).

A combinação dessas mudanças – a transição para uma nova etapa escolar, o aumento das responsabilidades e as alterações relacionadas à adolescência – pode gerar um certo desequilíbrio emocional e comportamental. Os alunos, muitas vezes, chegam eufóricos e curiosos para explorar as novidades que o novo ambiente escolar oferece, bem como socializar com colegas da turma e de fora, constantemente fazendo uso do “posso ir ao banheiro?” e “posso ir beber água?” como ferramentas para ir explorar o pátio da escola e interagir com os colegas. No entanto, essa empolgação, somada às dificuldades naturais de adaptação, pode resultar em comportamentos mais impulsivos e indisciplinados. A indisciplina, portanto, não pode ser entendida apenas como uma questão de desinteresse acadêmico, mas como uma resposta às diversas transformações pelas quais os alunos estão passando, tanto no aspecto educacional quanto no social e emocional. Segundo La Taille (1996):

Portanto tenhamos cuidado em condenar a indisciplina sem ter examinado a razão de ser das normas impostas e dos comportamentos esperados, e sem, também, termos pensado na idade dos alunos: não se pode exigir as mesmas condutas e compreensão de crianças de 8 anos e de adolescentes de 13 ou 14”. (La Taille, 1996, pág. 20).

A citação de La Taille (1996) nos convoca a refletir de maneira crítica sobre a gestão da indisciplina nas escolas, alertando para o risco de julgarmos os comportamentos dos alunos de forma apressada e sem uma análise mais aprofundada. O autor sugere que, antes de condenarmos a indisciplina, devemos considerar as razões subjacentes às normas impostas e aos comportamentos esperados. Além disso, é essencial levar em conta a idade e o estágio de desenvolvimento dos alunos, pois a capacidade de compreensão e a maturidade necessária para seguir regras variam significativamente conforme a faixa etária.

O autor acima ainda destaca que as expectativas de comportamento não podem ser as mesmas para crianças de 8 anos e para adolescentes de 13 ou 14 anos. Enquanto crianças mais novas estão em uma fase de desenvolvimento em que ainda estão adquirindo habilidades cognitivas e sociais para compreender plenamente as normas, adolescentes, por outro lado, têm maior capacidade de raciocínio e compreensão das regras, o que exige uma abordagem diferente em termos de disciplina. A reflexão proposta pelo autor nos instiga a ser mais cuidadosos e sensíveis em nossa prática pedagógica, ajustando nossas expectativas e estratégias de gestão comportamental de acordo com as necessidades e particularidades de cada faixa etária.

2 Desafios e contribuições para a formação docente no Estágio Supervisionado II

Por se tratar de um dos primeiros contatos com a sala de aula, o estágio no componente curricular Estágio Supervisionado II, eu ainda não estava totalmente imerso na realidade escolar, nem compreendia plenamente as complexidades do ambiente educacional. Foi nesse contexto que comecei a refletir sobre como essa experiência poderia contribuir para minha formação enquanto futuro professor de matemática. Afinal, são nas pequenas vivências do cotidiano escolar que temos

a oportunidade de aprimorar nosso desempenho enquanto condutores de aulas. Com o tempo, comecei a perceber a quantidade de aprendizados que poderia extrair das situações que presenciava, reconhecendo a importância dessas experiências no meu processo formativo.

Até então, nunca havia me envolvido diretamente com a realidade escolar de maneira tão profunda, o que me levou a questionar como aquelas experiências poderiam interferir na minha construção enquanto educador. Durante o estágio, esperava lidar com uma turma mais tranquila, que fosse mais confortável para o desenvolvimento das minhas atividades de regência.

No entanto, o que pude realmente absorver dessas vivências foram valiosas contribuições para minha formação profissional. Cada desafio que se apresentou foi uma oportunidade para refletir sobre a prática docente e sobre os aspectos da sala de aula que, muitas vezes, não são abordados nas teorias, mas que são fundamentais para o desenvolvimento do professor, como a adaptação a diferentes contextos e a gestão de situações imprevistas.

Durante o período em que tive a oportunidade de reger as aulas, além das orientações fornecidas pelo professor regente da turma, também recebi valiosos conselhos do professor orientador da disciplina de estágio. A vasta experiência do professor regente da turma com o ambiente escolar foi fundamental para oferecer diretrizes mais precisas e adequadas à realidade da sala de aula, as quais pude colocar em prática ao longo das aulas. Essas orientações não só complementaram as instruções recebidas do professor regente, mas também me proporcionaram uma visão mais ampla sobre as dinâmicas do ensino, permitindo-me aprimorar minha atuação como futuro docente.

Todo esse processo de vivência no ambiente escolar me permitiu compreender de maneira mais profunda os diversos desafios que são apresentados aos educadores. Fiquei mais atento aos aprendizados que podemos extrair dessas situações, às alternativas que podemos propor para minimizar tais dificuldades e à forma como podemos aprimorar nossa prática pedagógica. Além disso, percebo que essas experiências não são exclusivas da minha realidade, mas refletem um fenômeno comum em muitas escolas ao redor do mundo, especialmente no que se refere à indisciplina em sala de aula, um desafio constante para inúmeros educadores.

Cada vivência, cada prática, cada situação que ocorre em sala de aula possui um enorme potencial de contribuição tanto para o meu próprio crescimento profissional quanto para a formação de outros professores em diferentes contextos. As experiências acumuladas ao longo de nossa trajetória docente nos proporcionam uma reflexão contínua sobre como podemos aprimorar nossas metodologias, estratégias de gestão de sala de aula e, sobretudo, o impacto que podemos gerar no processo de aprendizagem dos alunos.

3 Considerações finais

A experiência vivida durante o estágio, ao lecionar para uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, foi um marco importante na minha formação como futuro professor de Matemática. Este período me proporcionou uma imersão direta na dinâmica escolar, especialmente ao lidar com os desafios da indisciplina, que não pode ser analisada de maneira simplista, pois envolve uma série

de fatores sociais, emocionais e até psicológicos que impactam o comportamento dos alunos. Com isso, pude perceber que a indisciplina em sala de aula não é um fenômeno isolado, mas sim um reflexo de múltiplos aspectos que transcendem a simples falta de atenção ou desinteresse pelo conteúdo.

A convivência com os alunos e o acompanhamento das orientações do professor regente e do professor orientador me proporcionaram importantes aprendizados sobre como lidar com as diversas formas de indisciplina, como as conversas paralelas, o barulho excessivo e a falta de respeito. Mais do que simplesmente remediar as situações de indisciplina, essa vivência me ensinou a importância de um gerenciamento de sala de aula que considere o contexto social e emocional dos alunos, ajustando expectativas e abordagens conforme a faixa etária e os fatores individuais de cada estudante.

Observando a transição dos alunos do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, ficou claro que muitos dos comportamentos indisciplinados podem ser atribuídos a essa mudança significativa em suas vidas. A adaptação a um novo ambiente escolar, com mais responsabilidades e maior autonomia, combinada com as transformações típicas da adolescência, exige uma abordagem diferenciada por parte do educador. Não podemos exigir o mesmo nível de compreensão e conduta de crianças de 8 anos e adolescentes de 13 ou 14 anos, o que reforça a necessidade de sensibilidade e flexibilidade na gestão da disciplina em sala de aula.

A troca de experiências com outros professores e as orientações recebidas ao longo do estágio enriqueceram minha prática pedagógica, ampliando minha visão sobre o papel do educador não apenas como transmissor de conhecimento, mas também como mediador das relações e dinâmicas que ocorrem na sala de aula. Cada desafio enfrentado, cada erro cometido e cada conquista foram fundamentais para o meu crescimento profissional e para a reflexão sobre a prática pedagógica.

Em síntese, as experiências vivenciadas durante o estágio reforçam a importância da prática contínua, da reflexão e da adaptação às necessidades dos alunos, ressaltando que a formação docente é um processo dinâmico e que, assim como a indisciplina, os desafios educacionais são complexos e multifacetados, exigindo de nós, enquanto educadores, uma postura de constante aprendizado e evolução. Por esta mesma razão, o estágio tem sua importância evidenciada por oportunizar experiências com a realidade do contexto escolar e, por força das reflexões realizadas, por permitir o desenvolvimento do estagiário como futuro docente.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. **A desordem na relação professor-aluno**: indisciplina, moralidade e conhecimento. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. Tradução. São Paulo: Summus, 1996 <https://repositorio.usp.br/item/002129885> ;Acesso em: 21 mar.

2025.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: A entrada na juventude Brasília: MECSEF, 1998

LA TAILLE, Yves Joel Jean Marie Rodolphe de. **Indisciplina e o sentimento de vergonha**. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. Tradução. São Paulo: Summus, 1996
<https://repositorio.usp.br/item/000923138> ;Acesso em: 21 mar. 2025.

TIBA, Içami. **Disciplina**: limite na medida certa. Novos paradigmas/ Içami Tiba. – Ed. Ver. Atual e ampli. – São Paulo: Integrare Editora, 2006.